

HISTÓRIA DA ESTATÍSTICA NO BRASIL

Basílio de B. Pereira

Ao tomar posse como presidente da ABE para o biênio 2000/2002, o Professor Gauss M. Cordeiro indicou uma comissão para promover o registro histórico da Estatística no Brasil. A comissão escolhida ficou constituída por Basílio de B. Pereira (Presidente), Sérgio Wechsler, Lúcia P. Barroso, Lisbeth K. Cordani, Wilton O. Bussab, Marlos Vianna.

Por iniciativa do presidente da comissão e do Editor do Boletim, estamos iniciando neste número do Boletim, uma subseção dedicada à História da Estatística com o artigo do Professor Paulo Pardal. Estão sendo contactados outros professores e profissionais para continuarmos esta série, e já temos no forno mais dois artigos prometidos. A comissão espera que este impulso inicial motive a submissão de artigos de outros colaboradores (com artigos de no mínimo uma página) para esta seção. A título de informação, uma fonte de referência histórica são os artigos publicados periodicamente, em seção intitulada: Vultos da Estatística Brasileira, desde seu número 1, de jan./mar. de 1940, na Revista Brasileira de Estatística, do IBGE (o número 169 de 1982 contém todos os índices retroativos da revista). Outra referência recente é o artigo de Wechsler, S., e Pereira, B. de B., *Bayesians in Brazil*, publicado no Boletim do ISBA, n. 4, 2000.

PRIMÓRDIOS DO ENSINO DE ESTATÍSTICA NO BRASIL E NA UERJ

[Reimpresso da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, Rio de Janeiro, 154(378):1–152, jan./mar. 1993.]

Paulo Pardal¹

Introdução

Em 1863, há 130 anos, criou-se na Escola Central, sucessora da Escola Militar, a cadeira de Economia Política, Estatística e Principios de Direito Administrativo, cujo primeiro catedrático, José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, foi sócio do IHGB e realizou o primeiro censo geral do Império. Presto-lhe homenagem com este esboço histórico daquela cadeira, que também está na origem do ensino de estatística da UERJ.

A estatística permite, em qualquer campo, melhor decisão pela análise matemática de dados numéricos. Se esta análise limita-se ao conjunto examinado, temos a estatística descritiva e seus índices, como, por exemplo, a percentagem (p) de sócios masculinos numa associação cultural ou a idade média (m) de seus membros. Já se esta associação for considerada amostra obtida ao acaso do

¹Paulo Pardal é professor aposentado de probabilidade e estatística da UFRJ (Escola de Engenharia) e UERJ (Instituto de Matemática e Estatística). Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do PEN Clube. Pesquisador e autor de livros sobre escultura popular, inclusive *Carrancas do São Francisco*.

universo de todas as associações similares do Brasil e quisermos inferir sobre as citadas percentagem (p) e idade média (m) para este universo (como saber entre que limites poderiam variar estes índices, no universo, em relação aos respectivos valores obtidos na amostra), estaremos no campo da estatística inferencial.

Ao estabelecer a relação entre os índices da amostra e do universo há que se admitir um risco ou probabilidade de errar. A estatística inferencial baseia-se em cálculo de probabilidades, e o ensino de *estatística* – cuja parte mais extensa e importante é a inferencial – pressupõe o de probabilidades. Eles se irmanam.

Daí, este texto sobre o ensino de estatística citar freqüentemente o de probabilidades.

1. O ensino de estatística no Rio de Janeiro

No Brasil, era denominado ‘curso matemático’ o da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho – que tinha a maior duração, de seis anos, para a formação de engenheiros militares – criada em 17 de dezembro de 1792 e cuja atual sucessora é a Escola de Engenharia da UFRJ, a mais antiga de nossas instituições de ensino superior. Não se conhece o programa daquela academia, mas em 1810, quando o príncipe regente D. João ampliou-a na Academia Real Militar, já constava do seu programa de matemática o estudo do ‘cálculo de probabilidades’ recém consolidado por Laplace e cuja teoria dos erros de observação era fundamental para a física, astronomia, geodésia e topografia.

Este fato, tão singular, merece algumas considerações. Os candidatos à admissão na Academia bastavam ter 15 anos e “darem conta das quatro operações”, segundo a carta de lei que a criou, de 4/12/1810. Ela era um longo documento, completo, que tudo previa para o funcionamento da Academia, inclusive os assuntos e livros que ‘os lentes’ de cada ano deveriam adotar. Pode-se resumir o currículo do 1º ano em aritmética, álgebra, geometria, trigonometria e desenho; e o do 2º ano, em continuação de álgebra e geometria, geometria analítica, cálculo diferencial e integral (“e as suas aplicações até onde tem chegado nos nossos dias nas brilhantes aplicações à Física, Astronomia [matérias do currículo do 4º ano] e ao cálculo das probabilidades”), geometria descritiva e desenho.

O lente do 2º ano “deverá formar o seu compêndio debaixo dos princípios de álgebra, cálculo diferencial e integral de Lacroix”. Sylvestre François Lacroix (1765–1843), professor no Colégio de França, escreveu vários livros de matemática. Em 1799, o *Traité de calcul différentiel et intégral*, cuja edição de 1810 não aborda probabilidades, mas em 1816 publicou-se seu *Traité élémentaire du calcul de probabilités*, que pode ter subsidiado os estudos na Academia, pois consta, como a edição de 1810 acima citada, na Biblioteca Histórica do Centro de Tecnologia da UFRJ, que guarda inúmeros livros adotados na Academia Real Militar.

O primeiro lente do 2º ano da Academia, onde se incluí o cálculo de probabilidades, foi José Vitorino dos Santos e Sousa. Traduziu a *Geometria Descritiva*, de Monge e a *Aplicação da álgebra à geometria*, de Lacroix, sendo autor da *Geometria e mecânica das artes, dos ofícios e das belas-artes*.

Praticamente todos os livros indicados para o estudo na Academia de 1810 eram os mais reputados publicados na França, onde em 1791 surgiu a famosa Es-

cola Politécnica de Paris, com profunda abordagem de ciências básicas, em 9 horas de estudos diários. Entretanto, o que se adotava na França poderia ser seguido no Rio de Janeiro, por alunos que ingressando só sabendo as quatro operações aprenderiam praticamente toda a matemática da época em dois anos?

Houve muita dificuldade na implantação dos avançados estudos científicos da Academia. Escasseavam professores: em 1824, só havia seis lentes para 12 cadeiras, em 1881, de 13 cadeiras só quatro tinham lentes catedráticos (as demais seriam lecionadas por substitutos ou por catedráticos de outras cadeiras ou não seriam lecionadas). Assim é impossível saber se, quando e com que profundidade ministrou-se cálculo das probabilidades na Academia Militar, mas sua introdução no programa de estudos de 1810 é, sem dúvida, um fato marcante.

A evolução da Academia Real Militar leva-nos à Escola Central, em 1858. Ali criou-se, em 1863, a cadeira de Economia Política, Estatística e Principios de Direito Administrativo, cujo primeiro catedrático, José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, fora responsável por diferentes cadeiras na instituição, desde 1846, mas pouco as lecionava devido aos seus múltiplos e elevados encargos políticos e administrativos². Seu substituto na cadeira criada em 1863 foi Américo Monteiro de Barros, que assinou, em 16 de fevereiro de 1864, o primeiro programa da cadeira, indicando três livros-textos, o de estatística sendo *Elemento de Estatística* (sic) de Moreau de Jonnés (?), original manuscrito, pouco inteligível), 2ª edição.

Naquela associação de economia e estatística, esta decerto mais se preocupava com a descrição dos característicos quantitativos referentes ao Estado ('status', de que parece provir o termo 'estatística'). Cálculo das probabilidades e teoria dos erros talvez tenha continuado em uma das cadeiras de matemática³, numa das quais – criada em 1874, quando a Escola Central, do Ministério da Guerra, passou a Escola Politécnica, só para civis, do Ministério do Império – incluí a-se “Cálculo das probabilidades, Aplicações à táboas de mortalidade; aos problemas mais complicados de juros compostos; às amortizações pelo sistema *Price*, aos cálculos das sociedades denominadas *Tontinas* e aos seguros de vida”.

Esta cadeira, provavelmente a primeira no Brasil que incluiu atuária, foi integralmente lecionada, em 1875, por Benjamin Constant, que nela não pôde ser efetivado por não ser professor substituto da Escola Politécnica, condição que valeu a Américo Monteiro de Barros a nomeação como catedrático. Esta cadeira fazia parte do currículo do curso de bacharel em ciências físicas e matemáticas, que desapareceu na reforma do ensino da Escola Politécnica, em 1896.

Naquela reforma, a cadeira inaugurada em 1863 por Rio Branco – que teve como segundo catedrático, desde 1880, o vencedor do concurso, com nove candi-

²Como presidente do Conselho de Ministros, em 1871–1875, o Visconde do Rio Branco fundou a Diretoria Geral de Estatística e realizou o único recenseamento geral do Império.

³Ou em uma das cadeiras que utilizam teoria dos erros, assunto lecionado ainda neste século, nas cadeiras de topografia e de física, só passando à disciplina de estatística em 1952.

dados, engenheiro civil Luís Rafael Vieira Souto – desdobrou-se em duas outras: Economia Política e Finanças, com Vieira Souto, e Direito, Estatística e suas aplicações à engenharia⁴, cujo catedrático foi José Agostinho dos Reis, que era professor substituto desde sua aprovação no concurso de 1880, vencido por Vieira Souto. Em sua tese de concurso, escreveu Agostinho dos Reis: “a estatística pertence pois ao grande ramo das ciências sociais”, e em seu artigo de 1887 na *Revista do Clube de Engenharia*, sobre estatística aplicada a estradas de ferro, mostra um tratamento elementar de tabelas, gráficos, percentagens e médias.

Por outro lado, Vieira Souto, que deve ter seguido a tradição da cadeira criada por Rio Branco, preconizava, em 1880, um programa de *estatística aplicada* com características relativas ao território (agricultura, comércio, indústria), relativas ao governo (finanças, forças armadas, etc.) e à população (demografia). Em *estatística prática* estudava-se recenseamento, grafo-estatística, táboas de mortalidade. De cálculo de probabilidades só há breve citação da lei dos grandes números.

Em 1911, as duas cadeiras regidas por Agostinho dos Reis e Vieira Souto fundiram-se, sob este último reputado catedrático, na Economia Política, Direito Administrativo e Estatística, regida de 1914 a 1924 pelo engenheiro civil Aarão Reis, o construtor de Belo Horizonte. Ele concorrera ao concurso de 1880 com uma tese que abrangia “Aplicação do cálculo de probabilidade à estatística moral”, criada pelo astrônomo e demógrafo belga Adolphe Quetelet para a análise dos ‘fatos morais’, como divórcios e suicídios.

Aarão Reis em 1880 era um jovem professor de matemática e fez uma alentada “sinopse teórica” sobre cálculo de probabilidades – que segundo Jorge Kafuri foi, no Brasil, a primeira “substanciosa monografia” sobre o assunto – mas eximiu-se de exemplificar sua utilidade prática, que “consistiria principalmente em simples aplicações numéricas das fórmulas que apresentamos”. Mas como Aarão Reis ocupou a cátedra 34 anos após seu concurso, já experimentado administrador público, não introduziu na Escola o ensino da estatística teórica, chamado, à época, de ‘estatística matemática’⁵, o que só ocorreu em 1925, quando a cadeira de Economia Política, Direito Administrativo e Estatística desdobrou-se em duas: a de Organização, Contabilidade e Direito Administrativo e a de Estatística, Economia Política e Finanças. Esta teve por catedráticos Tobias Moscoso (1925/1928) e Jorge Kafuri (1930/1967), ambos professores de grande nomeada.

Tobias Moscoso foi admitido em 1919, por concurso, como professor de uma ‘aula’ de Trabalhos Gráficos de Estatística, Orçamento, Contabilidade, criada em 1915. Faleceu em desastre de aviação, em 1928, sendo substituído por Jorge Kafuri, seu assistente desde 1926 e que prestou concurso para a cátedra em 1930.

Naquele período incipiente de nossa ‘estatística matemática’ esses dois vultos da única escola de ciências exatas do Rio de Janeiro fizeram a primeira ponte entre

⁴Em 1991 acrescentou-se contabilidade a esta cadeira.

⁵Cujo conceito opunha-se ao de estatística elementar (levantamentos, tabelas e gráficos) e abrangia a apresentação matemática de métodos estatísticos, especialmente o estudo das distribuições de frequência e de probabilidade, a uma e duas variáveis. A inferência estatística só foi aqui lecionada posteriormente.

o ensino de estatística da antiga Politécnica e o da UERJ, como veremos adiante.

Em 1952, a cadeira regida por Jorge Kafuri desdobrou-se em duas disciplinas: a de Economia Política e Finanças e a de Probabilidade, Erros e Elementos de Estatística Matemática, denominada Estatística Industrial em 1972, e Probabilidade e Estatística desde 1978, sob regência, de 1953 a 1987, de Paulo Pardal, que logo introduziu, na então Escola Nacional de Engenharia, a estatística inferencial, foi o primeiro professor de estatística das Faculdades de Engenharia e de Administração e Finanças da UERJ e o primeiro diretor do Departamento de Estatística do Instituto de Matemática e Estatística da UERJ.

A contribuição da Escola Politécnica, do Largo de São Francisco, e suas sucessoras na formação de professores de estatística foi fundamental, através de seus ex-alunos que consolidaram o ensino da estatística e da atuária no Brasil. Dentre outros, Oscar Edivaldo Porto Carreiro – que, jovem, foi assistente da cadeira de Mineralogia e Geologia na Politécnica – Jessé Montello, Jorge Kingston, Rio Nogueira, Antônio Garcia de Miranda Neto, todos professores dos cursos da Faculdade de Economia da UFRJ; João Lyra Madeira, que substituiu Giorgio Mortara como orientador técnico do IBGE, e Lauro Sodré Viveiros de Castro, o primeiro professor concursado de estatística da UERJ. Também ex-alunos da escola do largo de São Francisco foram os três professores de estatística da Faculdade de Economia Amaro Cavalcanti (depois Faculdade de Administração e Finanças da UERJ) aprovados em concorrido concurso em meados da década de 1950: Antônio Tânis Habib, depois diretor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Gilberto Lyra da Silva e Paulo Pardal.

Outros ilustres estatísticos foram engenheiros – como Carneiro Felipe, formado pela Escola de Minas, de Ouro Preto – como também o foram muitos de nossos primeiros atuários, como Lino de Sá Pereira, professor de Resistência dos Materiais na Politécnica.

2. O ensino de estatística na UERJ

A UERJ foi criada, em 1950, sob a denominação de Universidade do Distrito Federal, UDF⁶, pelo agrupamento das faculdades de ‘Ciências Econômicas do Rio de Janeiro’, de 1930, de ‘Filosofia do Instituto La Fayette’, de 1939, nas quais se lecionava estatística, além das faculdades de Medicina e de Direito, onde esse ensino não ocorria.

Na Faculdade de Ciências Econômicas – FCE, o primeiro professor de estatística de que se tem notícia foi Antônio Joaquim de Souza Carneiro, segundo o “Livro de Posses (Catedráticos e Substitutos)” da FCE, cuja primeira sede situava-se à rua Uruguaiana, 114, sobrado. Esse professor, em 30 de março de 1934, assinou o termo de posse de substituto da cadeira de Política Comercial e Regime Adu-

⁶Sua denominação em 1958/1961 foi Universidade do Rio de Janeiro – URJ – e em 1961/1975, Universidade do Estado da Guanabara – UEG, passando a UERJ em 1975. Para evitar confusão, adotarei sempre a sua denominação atual – UERJ – embora referindo-me a fatos passados quando realmente esta universidade era UDF ou URJ ou UEG.

aneiro Comparado. Em 27 de novembro de 1934, passou a “catedrático de Estatística (cadeira facultativa do 1º ano)”, cujo programa não se conhece, mas devia limitar-se à estatística descritiva elementar. Naquela então faculdade particular, o catedrático era designado, sem concurso.

Souza Carneiro, contador do Ministério da Fazenda, foi sucedido, cerca de 1946, por Francelino de Araújo Gomes, bacharel em contabilidade, economia e atuária, posteriormente professor fundador, de Estatísticas Industriais, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE – do IBGE. Na FCE, inicialmente ele foi ‘professor contratado’. Em 16/04/1951, passou a professor substituto e em 22/05/1952, a catedrático, até 1956, quando foi substituído por Lauro Sodré Viveiros de Castro.

Logo após o ingresso deste último docente, a ‘Reforma Nogueira de Paula’, para os cursos de economia, estabeleceu duas cadeiras de estatística: Estatística Econômica, ocupada por Lauro e Estatística Meteorológica, por Wilson Choeri, que já era assistente de Estatística Geral e Aplicada da Faculdade de Filosofia da UERJ. Estes são informes pessoais, pois o referido ‘Livro de Posses’ interrompe-se em 1952.

Em 05/05/1960 abre-se, na FCE, o ‘Livro de Ata dos Trabalhos dos Concursos para Provisão de Cátedras, livro 201’. O primeiro concurso realizado, para Estatística Econômica, teve como candidato único seu ocupante, Lauro S. V. Castro. A banca examinadora compôs-se com os professores Jorge Kafuri, Antônio Garcia de Miranda Neto, da Faculdade de Economia da UFRJ, Mario Orlando de Carvalho, da FCE/UERJ, Fernando Rodrigues da Silveira e o presidente, Felipe dos Santos Reis, ambos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UERJ. Uma banca de alto nível, para o primeiro concurso de professor de estatística na UERJ.

Na prova escrita sorteou-se o ponto nº 10: “Caracterização de uma distribuição empírica. Ajustamento a um (sic) polinômio racional inteiro. Validade e precisão da estimativa”. Após uma hora de consulta, o candidato teve 4 horas para realizar sua prova. Na prova oral, realizada 24 horas após a escrita, foi sorteado o ponto nº 3: “Ajustamento: anamorfose”. A ata final lavrada em 4 de junho de 1960, acusou as cinco notas finais de cada examinador: 9-9-9-9, 4-9,4.

Lauro Sodré Viveiros de Castro dedicou sua vida à estatística, especialmente no IBGE, do qual foi secretário-geral. Lecionou também na Faculdade de Filosofia da UFRJ e foi professor fundador da Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Seus livros “Pontos de Estatística” e “Exercícios de Estatística” têm, ainda hoje, grande sucesso em todo o Brasil, com mais de uma dezena de reedições. O professor Lauro faleceu, no Rio de Janeiro, em 1990.

Após os quatro primeiros professores citados – Carneiro, Francelino, Choeri e Lauro – ingressou no ensino de estatística da Faculdade de Ciências Econômicas, em 1962, o professor José de Jesus da Serra Costa, como instrutor, para colaborar com Lauro na regência de Estatística Econômica e também de Estatística Meteorológica, que foram fundidas, passando seu ensino de quatro a três semestres. Segundo o professor Choeri, isso acarretou sua desistência no concurso para a última daquelas cadeiras, para o qual achava-se inscrito e com tese entregue.

Serra Costa foi, a partir de 1966, o único professor de estatística da Faculdade de Ciências Econômicas, inclusive pelo fato do prof. Lauro vir dirigindo a Faculdade de Administração e Finanças da UERJ, desde 06/12/1963.

Serra Costa fez sua livre docência em 1965, foi catedrático interino em 1966, e professor adjunto em 1970. Transferido para o IME, foi um dos pilares do curso de bacharelado em Estatística, que teve seu primeiro vestibular em 1974. Foi o primeiro subchefe do Departamento de Estatística, que dirigiu de 1975 até sua aposentadoria em 1991.

Quando da criação, em 1939, da Faculdade de Filosofia do Instituto LaFayette, que iniciou seu funcionamento em 1941, havia duas cadeiras de estatística: Estatística Educacional, do curso de Pedagogia, e Estatística Geral e Aplicada, do curso de Ciências Sociais. Seus professores convidados foram, respectivamente, Fernando Rodrigues da Silveira e Jorge Kafuri, que assinaram o Livro de Termos de Posse, da Faculdade, em 23/06/1939. Eram amigos e ambos haviam sido discípulos de Tobias Moscoso. Daí a primeira ponte entre o ensino de estatística na Politécnica e na UERJ, onde aqueles dois professores foram os primeiros de maior nomeada.

Fernando Rodrigues da Silveira, que era médico e livre docente da Faculdade Nacional de Medicina, criou e dirigiu o serviço de Biometria da Prefeitura do Rio de Janeiro. Daí sua aproximação com K. Pearson e com a estatística – sobre a qual tinha trabalhos publicados. Também lecionou Estatística Educacional no Instituto de Educação e na Escola Nacional de Ciências Estatísticas e, na Faculdade de Filosofia da UERJ, as cadeiras de Biologia Geral e a de Estatística Geral e Aplicada que começou a ser dada em 1952, pois Jorge Kafuri, por suas múltiplas ocupações, não pode assumi-la. Contou com assistentes, dos quais só Wilson Choery e Carlos A. G. Cordovil prosseguiram como professores de Estatística da UERJ. O professor Rodrigues da Silveira passou, depois, à direção do Colégio de Aplicação da UERJ, que incorporou seu nome.

Wilson Choery foi o primeiro livre-docente e catedrático concursado, em 1963, de estatística na Faculdade de Filosofia, mas esta atividade logo transferiu-se a outros mais jovens, devido à intensa atuação de Choery em cargos de direção na UERJ: Departamento Cultural (1964/1967), Secretaria Geral (1967/1978). Ficou uma década à disposição do Gabinete do Reitor, retornou à função docente, no Departamento de Estatística, em 1989 e hoje encontra-se licenciado.

Carlos Augusto Guimarães Cordovil foi admitido em 1957 como assistente de física, e de cerca de 1960 a 1963 foi catedrático interino de Estatística Educacional. De 1968 a 1970 esteve no Centro de Processamento de Dados, em 1970/1971 substituiu Paulo Pardal na chefia do Departamento de Estatística e de 1971 a 1975 foi o segundo diretor do IME, sucedendo ao professor Haroldo Lisboa da Cunha. Cordovil licenciou-se de 1976 a 1990, quando voltou a lecionar estatística no curso de Ciências Sociais, mas logo aposentou-se. Faleceu em 1992.

Outros professores lecionaram estatística em cursos da UERJ, especialmente na Faculdade de Filosofia, mas não por longo período. Dentre eles, Telma Carrilho e Antônio Calil Miguel Magluta. Este durante alguns anos lecionou estatística nos cursos de Ciências Sociais, de História Natural (Bioestatística) e ainda no

curso de Cartografia.

Na UERJ, após o ensino de estatística nas faculdades de Economia e de Filosofia, ele surgiu nas de Engenharia e de Administração e Finanças. A primeira, criada em 1961, teve a cadeira de Estatística e de Cálculo Numérico ocupada, em 1962, por Paulo Pardal, que também era catedrático interino da mesma cadeira na Escola Fluminense de Engenharia, além de regente da disciplina de Estatística da Escola Nacional de Engenharia, ex-Politécnica, que teve assim mais uma ponte com a UERJ. A cadeira regida por Pardal logo transformou-se em Estatística (lecionada no 2º ano). Economia e Organização (no 4º ano), solução próxima à que ocorrera na Escola Politécnica, como vimos.

Pardal era também professor concursado de estatística, desde 1958, na Faculdade de Economia Amaro Cavalcante, da Prefeitura do Rio de Janeiro, que se transformou na Faculdade de Administração e Finanças da UERJ. Nela Pardal continuou regendo as disciplinas de estatística. Transferido para o IME, lecionou até 1970, quando se licenciou, para dirigir um museu estadual. Retornou ao IME em 1987, dedicando parte de sua carga horária ao Departamento Cultural da UERJ.

Pardal foi substituído na regência das disciplinas de estatística que lecionara por Paulo de Holanda Sales, que fora seu monitor na Faculdade de Engenharia da UERJ. Admitido como auxiliar de ensino em 1974, passou a professor assistente em 1978 e a professor adjunto em 1989, após seu doutorado em engenharia da produção, na COPPE, naquele ano. Holanda Sales quando ingressou, em 1974, lecionou estatística nas faculdades de Serviço Social e de Educação, bem como no curso de matemática do IME, passando, em 1976, às faculdades de Engenharia e de Administração e Finanças. Dos professores de estatística admitidos na UERJ até 1974, é o único que leciona, hoje, no curso de bacharelado em Estatística.

Nestes ‘Primórdios do Ensino da Estatística na UERJ’ não cabe abordar os numerosos professores admitidos nos últimos 20 anos, não só para expansão das disciplinas de serviço – em outros cursos da UERJ – como, principalmente, pelo funcionamento do curso de bacharelado de Estatística, cujo primeiro vestibular, como dito, ocorreu em 1974.

Cabe ainda reiterar que só foram citados os primeiros professores de estatística das primeiras faculdades da UERJ e que lecionaram por longo período, alguns até o presente. Não consegui identificar outros professores, mesmo anteriores a 1974, mas que não se enquadravam nesta condição, salvo, como vimos, Telma Carrilho e Antônio Magluta.